


NO ENCONTRO COM ESTUDANTES DE PEDAGOGIA: PARTILHA POÉTICA COM INFÂNCIAS, NATUREZA E FOTOGRAFIA

MEETING WITH EDUCATION STUDENTS: POETRY SHARING WITH CHILDREN, NATURE AND PHOTOGRAPHY

 <https://orcid.org/0009-0002-0203-0265> Michele Costa Pereira

Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, RJ, Brasil

Recebido em: 25.9.2025 | Aceito em: 15.10.2025

Correspondência: Michele Costa Pereira (michelecosta@id.uff.br)

Resumo

Documentar com registros fotográficos os encontros e encantamentos das crianças em intimidade com a natureza, neste caso, das coisas miúdas do chão, é poetizar os acontecimentos do cotidiano, dando sentido à existência (Ostetto, 2017). Para tanto, o afinamento do olhar é essencial, sobretudo quando se está na docência da Educação Infantil. O presente relato compartilha narrativas sobre as propostas de experiência poética vividas com um grupo de estudantes de Pedagogia, no âmbito de uma oficina dinamizada em evento na Universidade Federal Fluminense com as crianças na natureza. A oficina contou com dois momentos: 1) observação de registros fotográficos produzidos pela autora, que é professora de Educação Infantil da rede municipal do Rio de Janeiro, como um fio para a conversa e troca de saberes. Nesta troca, mediada por referências teóricas (Malavasi; Zoccatelli, 2013; Jobim e Souza, 2006), foram abordadas questões referentes a formas de documentar e comunicar através da fotografia, sobre a educação estética do olhar, infâncias e natureza. 2) fazer com as mãos, ampliando as experiências sensíveis, convidando o grupo à imaginação, para criação de um inseto utilizando elementos coletados na natureza. De maneira descritiva e analítica, o relato destaca, por fim, a necessidade da formação estética dos futuros professores das infâncias, nos cursos de Pedagogia, oportunizando exercícios de olhar, escutar e experimentar com todos os sentidos, no diálogo com as crianças e seus modos próprios de ver e expressar o mundo.

Palavras-chave: Formação estética docente; Criança e natureza; Fotografia. Prática pedagógica; Educação Infantil.

Abstract

Documenting with photographic records the encounters and enchantments of children in intimacy with nature, in this case, the small things on the ground, is to poeticize everyday events, giving meaning to existence (Ostetto, 2017). To this end, refining one's gaze is essential, especially when teaching Early Childhood Education. This report shares narratives about the poetic experiences of a group of education students, as part of a workshop held at an event at the Fluminense Federal University, emphasizing the development of sensitivity and teacher observation in everyday educational activities with children in nature. The workshop consisted of two parts: 1) observation of photographic records produced by the author, who is a teacher of Early Childhood Education in the municipal network of Rio de Janeiro, as a thread for conversation and exchange of knowledge. In this exchange, mediated by theoretical



references (Malavasi; Zoccatelli, 2013; Jobim and Souza, 2006), issues related to ways of documenting and communicating through photography, aesthetic education of the gaze, childhood and nature were addressed. 2) doing with the hands, expanding sensory experiences, inviting the group to use their imagination to create an insect using elements collected in nature. Finally, in a descriptive and analytical manner, the report highlights the need for the aesthetic training of future teachers of childhood in pedagogy courses, providing opportunities for exercises in looking, listening and experimenting with all the senses, in dialogue with children and their own ways of seeing and expressing the world.

Keywords: Teacher aesthetic training; Children and nature; Photography. Pedagogical practice; Early childhood education.

Do espaço que inspira à docência que repara: outros encontros

Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande. A gente descobre que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas. Há de ser como acontece com o amor. Assim, as pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores do que as outras pedras do mundo. Justo pelo motivo da intimidade.

Manoel de Barros

Sou uma professora de Educação Infantil, com profundo encantamento pelas belezas deste mundo. Gosto de estar em espaços abertos com as crianças e eternizar esses encontros e memórias, através da fotografia. Acompanhar seus interesses pelos bichinhos que habitam os territórios da escola, acolher suas perguntas, registrar seus espantos e maravilhamentos diante de paisagens ordinárias, mas que são imensas fontes de acontecimentos extraordinários. Como aquelas pedrinhas, do quintal do poeta, as coisas que interessam às crianças se agigantam, e tornam-se maiores do que qualquer planejamento que uma professora possa ter elaborado.

O motivo da intimidade com a natureza e com o movimento das crianças em direção ao que as fazem maravilhar-se, me insere na interminável busca por afinar ainda mais o meu olhar e sensibilidade, para poder alcançar os modos infantis de sentir, fazer e perceber.

Nosso quintal, que faz parte de um Espaço de Desenvolvimento Infantil (EDI), da rede pública municipal do Rio de Janeiro, instituição do tipo pré-escola, que atende crianças de 0 a 6 anos e onde atuo como docente, nos convida à rotina brincante (Figura 1), pois estamos imersos no diálogo e no encontro com a natureza em suas infinitas texturas, tons, formas, cores e sabores. Também nos inspira a perceber as coisas mais miúdas, enxergando sua beleza e importância, respeitando-as.

Figura 1 – Crianças observando a escola e redondezas.



Fonte: Arquivo Pessoal (2023/ 2024 / 2025)

Sou também mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF) e integro o Círculo de Estudo e Pesquisa Formação de Professores, Infância a Arte (FIAR), que investiga processos formativos e práticas pedagógicas, em especial na Educação Infantil que, em diálogo com a arte, tece conexões e interações entre os professores e as infâncias. Por ocasião da III Semana de Pedagogia da Faculdade de Educação

da UFF, fui motivada a pensar uma oficina que seria oferecida aos futuros pedagogos. Foi então que tracei a proposta de oportunizar uma vivência que compartilhasse os saberes e fazeres que circulam entre as crianças, em comunhão com a natureza, no espaço da Educação Infantil, através das minhas memórias e olhar, sobretudo fotográfico, como contribuição para o processo de formação inicial dos futuros professores.

A oficina recebeu o nome de “Infâncias e vidas miúdas: Registros fotográficos do encontro entre crianças e insetos no espaço da Educação Infantil” e contou com a presença de vinte e quatro pedagogas em formação. Sim, o grupo era formado totalmente por mulheres. Busquei por objetivo pensar a prática dos registros fotográficos no cotidiano da Educação Infantil, com foco no contexto da relação infância e natureza, através da escuta e observação das pesquisas das crianças.

Dialogando e ampliando olhares e repertórios poético-sensíveis com estudantes de pedagogia

Nosso encontro-formação iniciou com a preparação do espaço para acolher as estudantes, assim como também faço com as crianças na escola (Figura 2). Acredito no ambiente enquanto parte ativa na aprendizagem. Quando preparado com intencionalidade, o ambiente potencializa as interações entre os participantes e os materiais disponíveis, contribuindo para expandir a curiosidade, a criatividade e a autonomia.

Com a proposta de compartilhar narrativas e memórias da minha prática docente, por meio de alguns registros fotográficos do meu fazer com as crianças na natureza, convidei o grupo a sentar-se nas cadeiras, em roda. Eu desejava suscitar a observação, fertilizar a conversa e a escuta sobre a temática da oficina. No chão, no centro da roda, estavam fotografias e elementos que aguçavam a curiosidade e convidavam à exploração. Dentre eles: galhos, folhas, sementes e argila. Linhas, tesouras e imagens com nomes de diferentes espécies de insetos, que auxiliam na ampliação das referências.

Na chegada das estudantes ao espaço, foi possível perceber os sorrisos, as conversas curiosas entre si e até mesmo os olhares surpresos sobre o que estava por vir. Algumas pediram para registrar/fotografar o espaço e as materialidades disponíveis, antes de iniciarmos a roda.

Figura 2 – Um ambiente que convida: acolhida para a criação.



Fonte: Arquivo Pessoal (2025)

Abro a roda me apresentando através de imagens em que estou com as crianças, de mãos e pés na terra, em movimentos de troca (Figura 3). A poesia “*O apanhador de Desperdícios*” (Barros, 2018, p. 25) também contribuiu para falar um pouco de mim e de como a minha relação com a natureza constitui os caminhos da minha prática pedagógica com as infâncias.

Logo em seguida, sugiro uma breve apresentação para conhecer um pouco de cada uma e ouvir sobre o que motivou a escolha da oficina. A afinidade pela educação das infâncias e o interesse pela fotografia e sobre como estes assuntos se entrelaçam, esteve presente nas devolutivas da maioria das participantes. A necessidade de conhecer práticas pedagógicas outras, também.

Figura 3 - Apanhando desperdícios: mediando as experiências na natureza



Fonte: Slide compartilhado na oficina - Arquivo Pessoal (2025)

Nossa conversa foi ilustrada pela observação dos registros das crianças no encontro com os insetos e na relação com a natureza do quintal da escola. Entre trocas e curiosidades, conversamos sobre as pesquisas das crianças nos espaços naturais, a escuta ativa, o olhar observador do professor, o respeito às vidas miúdas com as quais compartilhamos o espaço.

Para contextualizar, apresentei o ambiente onde ocorre diariamente a pesquisa das crianças e a minha: o Espaço de Desenvolvimento Infantil (EDI), da rede pública municipal do Rio de Janeiro, onde atuo, está situado em um bucólico casarão que ainda preserva seu ambiente naturalizado. Como um espaço adaptado para a Educação Infantil, o lugar costuma ser associado à “casa de vó” pelos que o visitam pela primeira vez. Neste espaço, crianças convivem, brincam, exploram, pesquisam, ampliam a sensibilidade e constroem conexões mais profundas e respeitosas com a natureza e com seus pares.

As imagens de arquivo projetadas auxiliaram na compreensão do contexto, do local que inspira o encontro entre as crianças e a natureza. Os registros presentes nos slides apresentados aos estudantes, foram capturados nos momentos de brincadeiras, pesquisas, curiosidades e encantamentos das/com as crianças. Registros esses, parte da documentação

peçoal, fruto do exercício cotidiano de cultivar meu olhar atento, para a mediação dos encontros e investigações das crianças. Cada passo apresentado, trazia a colaboração dos fragmentos da poesia de Manoel de Barros, o poeta das infâncias e das miudezas. Trouxe para a roda também contribuições sobre a documentação fotográfica, a educação estética do olhar, a comunicação pela fotografia, observação e registro na Educação Infantil, através da conversa com autoras como Malavasi e Zoccatelli (2013) e Jobim e Souza (2006).

Sobre alguns requisitos para a produção fotográfica das práticas com as crianças, afirmam Malavasi e Zoccatelli (2013 p.66): “o pressuposto necessário para aprender a fazer boas fotografias, em termos de documentação educativa, é sobretudo aprender a observar as crianças”. Neste sentido, é essencial o exercício do olhar atento às relações, interações e brincadeiras das crianças, ato que caracteriza, sobretudo, a prática da docência na Educação Infantil. Ainda sobre a documentação fotográfica, as autoras afirmam:

Os educadores, como testemunhas e cúmplices atentos aos percursos de exploração e de crescimento das crianças deverão ser os principais artífices da documentação fotográfica. São eles as pessoas mais próximas das crianças (...)Compreendem a identidade e o tom emotivo do grupo e, por essa razão, sabem reconhecer os momentos “mágicos”, aqueles em que se percebe que está para acontecer algo de interessante. (Malavasi; Zoccatelli, 2013, p. 62).

A conversa sobre como fotografar e as narrativas das minhas memórias sobre os registros fotográficos, vão despertando a curiosidade e a atenção das participantes. Questões sobre o percurso da criação da imagem, o tempo, espaço e rotina na Educação Infantil, o protagonismo das crianças e questões outras, vão surgindo. Algumas contribuem com narrativas de suas próprias práticas em instituições de Educação Infantil que afirmam caminhar em sentido oposto ao de uma educação que potencialize as relações das crianças com a natureza e valorizem sua essência primordialmente brincante; que optam por práticas tradicionais, como a antecipação dos conteúdos em preparação para o Ensino Fundamental, por exemplo. E o encontro seguiu.

No chão, fazer à mão: das crianças à proposta com as estudantes

*O céu tem três letras
O sol tem três letras
O inseto é maior
Manoel de Barros*

A segunda parte do encontro, que teve duração de duas horas, foi pensada para ser realizada, essencialmente, fazendo com as mãos, tal como na prática fiandeira, pois o círculo



Fonte: Arquivo Pessoal (2025)

Em meio a esse movimento, registro na memória um diálogo que tenho com uma das estudantes. Em sua fala ela afirma: *“Eu esperei por este momento a minha graduação inteira”*. Imaginei que ela fosse recém-chegada ao curso e afirmo: *“Calma, ainda há muito por vir”*. Em seguida questiono: *“Em que período você está?”* Ao que ela me responde: *“Este é o último!”*

Tal diálogo me leva a uma das questões que mobilizam os percursos do FIAR: onde estaria o tempo para a formação das sensibilidades, a criação e o fazer com as mãos nos cursos de Pedagogia? Quais os momentos destinados à formação estética e à ampliação dos repertórios desses futuros professores de Educação Infantil? Como poderão proporcionar experiências sensíveis, sem o alargamento de suas próprias experiências? Como afirma Ostetto (2010): *“Para encantar, é preciso encantar-se”*. Só será possível encantar as crianças, se também os professores estiverem encantados.

Naquele momento, na breve conversa com a estudante, apesar de ficar espantada com sua exclamação, compreendi o quão acertada fora a proposição da oficina que estava dinamizando. Em sua atitude espontânea, ela me dizia que o que eu fazia tinha sentido... e importância.

Após a construção dos insetos, sugiro a apresentação para que cada uma das estudantes narrasse sobre o que eles representavam. Também pergunto sobre o processo de

feitura com as mãos desses seres vivos e escuto falas positivas sobre a experiência vivida. Não houve negação à proposta ou resistência à utilização dos elementos, como às vezes é comum na utilização de argila, pelo costume de ser associada à produção de sujeira. Apenas observo uma das participantes mais afastada e indo ao seu encontro, escuto a tão falada frase proferida, em sua maioria pelos adultos: “*Não sou boa nisso. Fiz do meu jeito*”.

Finalizamos a oficina com a sugestão de deixarmos os insetos nas árvores do Campus em que estávamos (Figura 6), visto que algumas não poderiam levá-los consigo ou temiam que fossem destruídos no caminho.

Figura 6: Um habitat para os insetos criados



Fonte: Registros fotográficos da estudante-fiandeira Camille de Oliveira.

Sobre retornos, encontros e caminhos: tecendo uma educação (do) sensível

A educação das infâncias espera de nós, professoras e professores, como mediadores culturais que somos, uma dedicada imersão no diálogo com a cultura, a arte e a natureza. Para sermos capazes de alimentar as relações entre as crianças e as belezas do mundo, é preciso que possamos alimentar o nosso ser poético, abrindo espaços para invenções poéticas

(criativas e sensíveis), como deseja o poeta. A oficina me permitiu compartilhar saberes e fazeres tecidos no meu ofício de professora de Educação Infantil com futuros pedagogos. Com a proposta, na interação com as estudantes, foi me dando conta que estava retornando à Faculdade de Educação, na qual me formei no curso de Pedagogia, oportunizando momentos que desejei viver enquanto estudante da graduação (e que foram raros): experiências de pausa, acolhimento, nutrição estética, fazer com as mãos, natureza e poesia.

Como mestrandia, sou acolhida pelo FIAR para viver coisas outras e de outros modos. Com esse grupo, que se tece na circularidade, na escuta, na artesanaria e dentro da mesma universidade em que me fiz pedagoga, permaneço alargando meus sentidos, criando, afetando e sendo afetada no encontro com outros saberes e fazeres, em outras relações.

Perceber o entusiasmo que a proposta despertou em cada uma das participantes, me deixou a certeza: sim, os estudantes de Pedagogia desejam ampliar suas sensibilidades e repertórios. Para isso, é necessário que sua formação não exclua os princípios estéticos que são garantidos na legislação referente às diretrizes para os cursos de Pedagogia (Brasil, 2006).

Daqui, recolhendo as lições da experiência vivida com aquele grupo de estudantes-pedagogas-em-formação, vislumbro que continuarei disponível ao encontro dos que desejam animar a educação e renovar seus sentidos - com as crianças, com a arte, com a natureza, com a vidas miúdas que encontramos pelos quintais-escolas, (re)descobrimos as belezas do ínfimo, dos despropósitos, do ato de apanhar desperdícios, como nos ensina o poeta.

Referências

BARROS, Manoel de. Achadouros. In: BARROS, Manoel. *Memórias inventadas: a infância*. São Paulo: Planeta, 2003 (p.XVI).

BARROS, Manoel de. *Memórias inventadas*. Rio de Janeiro:Alfaguara, 2018.

BRASIL. *Resolução Nº 1, de 15 de maio de 2006*. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, n. 92, p. 11-12, 16 maio 2006.

JOBIM E SOUZA, Solange. A pesquisa em ciências humanas como intervenção nas práticas do olhar. In: LENZI, Helena Correa; ROS, Silvia Zanatta da; SOUZA, Ana Maria Alves de; MATOS, Marise (Orgs). *Imagem: intervenção e pesquisa*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006, p. 204-210

MALAVASI, Laura; ZOCCATELLI, Barbara. *Documentar os projetos nos serviços educativos*. 1ª ed. Lisboa: APEI - Associação de Profissionais de Educação de Infância, 2013.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. No tecido da documentação, memória, identidade e beleza. In: OSTETTO, Luciana Esmeralda (org.). *Registros na Educação Infantil: pesquisa e prática pedagógica*. Campinas, SP: Papirus, 2017, p. 19-53

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Para encantar é preciso encantar-se: Danças circulares na formação de professores. *Cad. Cedes*, Campinas, Campinas, vol. 30, n. 80, p. 40-55, jan.-abr. 2010 Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

OSTETTO, L. E.; MAIA, M.; CALLAI (Org.) *Formação, educação e arte: tessituras em pesquisa e prática docente*. Campinas, SP: Papirus Editora, 2023.